

## **Eixo 6: Ato analítico e interpretação. Perturbar a defesa, ainda?**

### **Ato analítico e interpretação, intervenções que perturbam a defesa ... ainda!**

**Coordenadores:** Cinthia Busato (EBP) e Renata Martinez (EBP)

**Integrantes:** Mauro Agosti (Florianópolis), Margarida Assad (João Pessoa), Sandra da Silveira (Florianópolis), Sérgio de Castro (Belo Horizonte), Isabel do Rêgo Barros Duarte (Rio de Janeiro), Paula Felix (Belo Horizonte), Carla Fernandes (Salvador), Valéria Ferranti (São Paulo), Wilker França (Salvador), Paula Legey (Rio de Janeiro), Glória Maron (Rio de Janeiro), Rosângela Ribeiro (Goiânia), Adriana Rodrigues (Florianópolis), Olivia Viana (Belo Horizonte).

A pergunta “Perturbar a defesa, ainda?” nos intrigou de partida. O marcador temporal *ainda*, acrescido da interrogação, nos pareceu conferir a essa importante estratégia um valor ultrapassado, como se perturbar a defesa estivesse caindo em desuso. Na direção contrária, entendemos necessário subverter a frase e trocá-la para “perturbar a defesa, ainda!”, indicando com uma exclamação o tempo presente da intervenção.

Nas primeiras lições do curso *A experiência do real na cura psicanalítica*, Miller tece suas elaborações sobre esse tema, destacando da leitura que faz do texto lacaniano a distinção entre, de um lado, o real como não submetido a nenhuma lei, o fora de sentido, e, de outro, o valor da verdade e o saber que se constrói numa análise. Ao separar real e semblante, Miller nos diz: “[...] ou a psicanálise é impossível, ou seja, ela só explora as relações do significante e do significado que não valem mais do que uma aparência em relação ao real, ou a psicanálise é uma exceção capaz de perturbar a defesa do sujeito contra o real”<sup>1</sup>.

A orientação em direção ao real conduz o analista, desde o início, a localizar e perturbar as respostas dadas pelo analisante ao real que lhe acossa e que, na maioria das vezes, se faz notar como disrupções de gozo no corpo.

A partir dessa afirmação, levantamos algumas perguntas: nos casos em que os sujeitos chegam tomados por um gozo deslocalizado, muitas vezes devastador, seria necessário um tempo inicial para a construção de alguma borda, no sentido de estabilizar um

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 34.

dentro e fora, para só depois, então, perturbar a defesa? Ou seria essa própria construção inicial já efeito de uma perturbação da defesa, fruto do encontro com um analista? Sintomatizar, estabelecer coordenadas simbólicas, seria o oposto de perturbar a defesa? Quais seriam as diferenças da perturbação da defesa nas distintas estruturas?

Quando tomamos o autismo do gozo como paradigma, alguns impasses surgem. As duas vinhetas clínicas abaixo orientaram nossa conversa e nossos questionamentos.

M., de 3 anos, se separa dos pais sem resistência para entrar na sala, mas sem dizer palavra ou ceder qualquer olhar. Deita-se de bruços no chão e assim permanece durante toda a sessão. O “menino tapete” mantém seu corpo inerte durante meses, sem aceitar nenhum objeto oferecido a ele. Certo dia, a analista tamborila com os dedos no chão. M. senta-se e diz: “unhas vermelhas”. Imediatamente, é convidado pela analista a começar um jogo de pintar unhas, pintar braços, pernas, pés, enfim, desenhar um contorno para o corpo. Nos perguntamos o que exatamente promoveu essa mudança. O tamborilar da analista foi uma intervenção que perturbou a defesa?

Ana, de 2 anos, fala um dialeto próprio, mas com entonação, prosódia e intenção comunicativa, dirige-se à analista “conversando”. Muito agitada, explora os brinquedos sem se deter em nenhum. Após três meses de atendimento, uma intervenção tem efeito: a menina se deita no colo da mãe para mamar e a analista repete a cena com uma boneca. Com certo júbilo, Ana se interessa pela boneca, que passa a ser o objeto privilegiado nas sessões. Alguma brincadeira se estrutura e ela começa a articular fonemas: *nenê, cadê, dá, não*. Poderíamos pensar que aqui o “perturbar a defesa” estaria vinculado à cessão de gozo que permitirá a constituição de um saber que trate *lalíngua* para além da lalação, possibilitando ao inconsciente seu trabalho de maquinaria na via de falar a língua do Outro?

### **Sobre “perturbar a defesa”**

“Começar a se analisar” é a possibilidade de produzir alguma leitura dos rastros de gozo fundantes na vida de um sujeito. Para que essa leitura se realize, algumas condições são necessárias. No encontro com um analista, um sujeito precisa se deixar atravessar e assentir de algum modo com o que lhe embaraça: “[...] de fato, ser analisante é aceitar receber de um psicanalista aquilo que perturba sua defesa”<sup>2</sup>. Essa afirmação que Miller

---

<sup>2</sup> *Ibidem.*

faz em *A Experiência do Real...* é tributária de seu trabalho com o último Lacan, e ganha mais destaque e uma nuance quando proferida alguns anos mais tarde como uma direção para a prática na atualidade: “[...] para entrar no século XXI, nossa clínica deverá se concentrar em desmontar a defesa, desordenar a defesa contra o real”<sup>3</sup>.

Para entender a “perturbação da defesa” como uma orientação significativa para a clínica contemporânea, nos pareceu essencial iluminar o destaque conferido por Lacan à diferença entre o mecanismo da defesa e o do recalque, sendo a primeira tratada como algo anterior e mais originário. O modo de cada ser vivente abordar o real, seu próprio processo, “[...] só pode ser feito, primeiro, pela via de uma defesa primária. A ambiguidade profunda dessa abordagem exige do homem para o real se inscrever primeiro em termos de defesa. Defesa que já existe antes mesmo de as condições do recalque como tal se formularem”<sup>4</sup>.

Ao comentar essa passagem do *Seminário 7*, Miller nos diz que, enquanto o recalque atua sobre o significante, dissociando a ideia do afeto, a defesa seria uma operação distinta, que não incidiria sobre o significante. Em termos freudianos, a defesa estaria numa relação direta com a pulsão, com o *quantum* de energia que foge a qualquer possibilidade de representação, distante, assim, da relação de significante e significado, pertencente ao registo do semblante. A partir dessas formulações, a defesa é pensada como um modo do sujeito se posicionar diante do real que lhe escapa, que escapa ao sentido e aparece como opacidade, um gozo traumático e perturbador, “[...] incompatível com a vida representativa”<sup>5</sup>.

Com a ajuda dessa distinção entre defesa e recalque, avançamos na direção de outra distinção, que faz do inconsciente, no nível do recalcado e de sua interpretação, também uma defesa. Em *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*, Miller nos diz: “[...] o próprio inconsciente é uma defesa. Sim, o inconsciente é uma defesa contra o gozo em seu status mais profundo, isto é, seu status fora de sentido”<sup>6</sup>. Ou seja, todo o trabalho de ciframento que o inconsciente realiza como articulação significante seria tomado como uma tentativa de tratar o que resta incompatível com a vida representativa, isto é, o gozo deslocalizado, fruto do acontecimento contingente do encontro de *lalíngua* com o corpo.

---

<sup>3</sup> Miller, J.-A., "O real no século XXI: apresentação do tema do IX Congresso da AMP", *Scilicet: um real para o século XXI*, Belo Horizonte, Scriptum, 2014, p. 32.

<sup>4</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 7, A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 43.

<sup>5</sup> Freud, S., "As neuropsicoses de defesa", *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, vol. III, 1996, p. 55.

<sup>6</sup> Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 94.

Na perspectiva do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, do inconsciente transferencial, a operação do analista que visa perturbar a defesa vai na direção de desarticular a cadeia  $S_1$ - $S_2$ , fazendo ressoar o vazio, a parte do discurso que sempre escapa. Entretanto, a partir dos últimos Seminários de Lacan, nos deparamos com outra vertente do inconsciente, não mais o inconsciente do campo do Outro, mas aquele do Um. Em 1977, Lacan diz: “[...] o inconsciente é que, em suma, fala-se sozinho, se é que há falasser... Falamos sozinhos porque só se diz uma única e mesma coisa, exceto se nos abrimos para dialogar com um psicanalista. Não há meio de fazer outra coisa que receber de um analista o que perturba nossa própria defesa [...]”<sup>7</sup>. Assim, na vertente do inconsciente real, definido como gozo do Um que não se articula com  $S_2$ , a operação do analista como perturbação da defesa seria tocar nesse gozo autístico, ir contra a expressão clínica desse Um que fala sozinho, que só diz o mesmo, para que ele se abra, possibilitando forjar algum Outro<sup>8</sup>.

O percurso que fizemos até aqui, guiados por “perturbar a defesa”, nos conduziu à primeira frase de nosso título, “ato e interpretação no início”, uma vez que a nova visada que o último Lacan concede à interpretação toca ou mesmo se confunde com isso que tanto interrompe a cadeia, fazendo aparecer o que da fala não quer dizer nada, quanto ao que faz limite ao monólogo autista do gozo.

### **Ato e interpretação no início**

Como situar o ato analítico com a desconexão entre real e semblante? O significante é causa do sujeito no discurso e, também, causa de gozo no corpo. No *Seminário 24*, Lacan afirma que “[...] a ideia de que há um real que exclui toda espécie de sentido é exatamente o contrário do que é nossa prática”<sup>9</sup>. Nesse momento, ele faz uma diferença entre o gozo sentido e o real parasita de gozo no sintoma, como também diferencia o gozo antipredicativo de todo corpo vivo e o gozo que toma consistência e se fixa a partir da incidência do significante. Esse é o gozo com o qual lidamos em nossa experiência. Ele se apresenta como uma fixação, o que sempre volta ao mesmo lugar e que nunca

---

<sup>7</sup> Lacan, J., *Le Séminaire, Livre XXIV, L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, aula de 11 de janeiro de 1977 (inédito).

<sup>8</sup> Racki, G., “Algunas vibraciones sobre la perturbación de la defensa”, *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, Buenos Aires, Grama Ed., n. 16, março 2014.

<sup>9</sup> Lacan, J., *Le Séminaire, Livre XXIV, L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, aula de 10 de maio de 1977 (inédito).

mente, em oposição à verdade mentirosa do desejo. Sobre o gozo obscuro do sintoma, a operação analítica deve “[...] realizar uma sutura e uma emenda”<sup>10</sup>.

Em *O ato analítico, ler e escrever*, Tarrab parte de uma pergunta sobre a possibilidade de o ato operar não apenas como corte, mas também como sutura. Essa sutura se daria entre imaginário e simbólico – da ordem do sentido, portanto – e a emenda seria entre o *sinthoma* e o real – que tenta tocar o gozo. Segundo Tarrab, o ato vai assim “[...] mais além da interpretação e da decifração de diferentes maneiras: localizar, assinalar, cingir, circunscrever, constatar”<sup>11</sup>. Corte e sutura são cotejados a um outro par de significantes, ler e escrever. Assim, a partir da leitura das marcas de gozo inscritas no corpo, o analista opera com um corte na articulação significativa.

Não poderíamos, no entanto, compreender a interpretação analítica, a partir do último ensino de Lacan, também como uma operação que localiza, assinala, cinge, circunscreve, constata, corta e sutura? O que distingue, então, o ato analítico da interpretação? Essa é uma questão em torno da qual demos muitas voltas durante o trabalho e que, nos parece, permanece aberta. O que difere o corte operado pelo ato daquele operado pela interpretação?

Em *O monólogo da aparola*, Miller faz uma distinção entre modalidades de interpretação analítica. Há um lugar próprio da interpretação em sua relação com o sentido quando a verdade emerge no lapso, no ato falho. A interpretação “[...] tem por finalidade fazer surgir um efeito de verdade que, seja qual for a maneira com que ele seja modalizado, contraria o efeito de sentido, de verdade, anterior”<sup>12</sup>. Trata-se de uma interpretação que aponta um equívoco de leitura, afinal, conforme diz Laurent, essa interpretação que se nomeia “semântica” “[...] sempre quer dizer ‘você leu mal o que estava escrito’”<sup>13</sup>.

Miller aborda também outra modalidade de interpretação que incide diretamente sobre o gozo da fala. Nesse caso, a interpretação introduz o impossível e intervém “na contramão do princípio de prazer”. De um lado, temos uma interpretação que tende à infinitização do sentido; de outro, uma interpretação que limita, corta, contém. Assim, não se trata apenas de uma interpretação que diz “você leu mal o que estava escrito, isso quer dizer outra coisa”, mas também que afirma “isso não quer dizer nada”. Como

<sup>10</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 23, O sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007, p. 71.

<sup>11</sup> Tarrab, M., “O ato analítico ler e escrever.” Acesso em: 25 jul. 2023 <<https://ebp.org.br/sp/o-ato-analitico-ler-e-escrever/>>.

<sup>12</sup> Miller, J.-A., “O monólogo da aparola”, *Opção lacaniana on-line nova série*, ano 3, n. 9, 2012. Acesso em: 25 jul. 2023 <[http://www.opcaolacanianiana.com.br/pdf/numero\\_9/O\\_monologo\\_da\\_aparola.pdf](http://www.opcaolacanianiana.com.br/pdf/numero_9/O_monologo_da_aparola.pdf)>.

<sup>13</sup> *Ibid.*

pontua em *Perspectivas dos Escritos...*, trata-se, para além de um deciframento do saber, de mostrar a natureza de defesa do inconsciente<sup>14</sup>. O inconsciente tenta fazer falar o gozo que não pode ser dito, armando uma trama necessária com os elementos primordiais contingentes, sem sentido.

Trabalhando a partir de um fragmento de testemunho de passe, conseguimos localizar essas distintas modalidades de interpretação, destacando em cada uma delas a direção que visa ao arranjo de gozo, modificando-o de algum modo e que, para tanto, “[...] mobiliza algo do corpo, exige ser investida pelo analista e, por exemplo, que ele coloque o tom, a voz, o sotaque, até o gesto e o olhar”<sup>15</sup>.

A análise de Bernard Seynhaeve se desenvolveu entre duas interpretações. A primeira aconteceu no início. O analista, olhando em seus olhos, pergunta sobre uma cicatriz em sua bochecha, e diz: “você deveria ter me falado disso”. Ele recebe essa interpretação como uma bofetada, é tocado fortemente por ela e se angustia. A partir dessa cena, ou mais especificamente do olhar contido nela, começa o trabalho sobre as marcas pulsionais do objeto olhar. Durante vinte anos, suas operações de ciframento e deciframento seguem orientadas pela construção fantasmática. Na segunda interpretação marcante, o analista lhe diz: “você ama demais suas fantasias”. Essa interpretação o submergiu numa angústia que durou dois anos mas, diferente da inicial, produziu uma detenção da associação via cadeia significante, um corte radical entre  $S_1$  e  $S_2$ , um mergulho num espaço de vazio e silêncio.

Assim, perturbar a defesa dita “primária”<sup>16</sup> é ir além do inconsciente transferencial e seu trabalho de cifração de sentido é mirar o que chamamos de “real do gozo”. Com o último Lacan, trata-se de fazer ressoar o nó de *lalíngua* e do corpo de tal forma que possam emergir um significante novo e um novo arranjo com o gozo no percurso de uma análise.

Revisão: Fred Stapazzoli  
Gustavo Ramos (EBP/AMP)

---

<sup>14</sup> Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos...*, *op. cit.*, p. 94.

<sup>15</sup> Miller, J.-A., *La experiencia...*, *op. cit.*, p. 136.

<sup>16</sup> Freud, S. "Projeto para uma psicologia científica", *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1980, vol. I, p. 486.